

ENOS, ENTOES E CONCLAT – iniciativas de unificação das lutas dos trabalhadores entre 1979 e 1983

Maria Rosângela Batistoni

Ao longo deste estudo¹ venho sublinhando a importância da OSM na reorganização do movimento operário e sindical depois de 1964, pela sua concepção e prática de organização de base que, em larga medida, esteve na origem da Central Única dos Trabalhadores, juntamente com a ação dos sindicalistas de São Bernardo.

Nesta seção, analiso as iniciativas próprias da OSM na perspectiva da unificação e objetivação de um sindicalismo política e ideologicamente independente, demarcando suas proposições e práticas na confluência e ou divergência com as demais correntes sindicais.

O papel da OSM nos primeiros encontros de abrangência nacional foi decisivo, em especial, no tocante à articulação das oposições sindicais formadas entre os trabalhadores assalariados da cidade e do campo. A iniciativa de reuni-las constituiu uma das resoluções do I Congresso da OSM-SP, realizado em março de 1979, que consta de suas Teses Aprovadas nos seguintes termos:

O congresso aprova a convocação de todas as oposições sindicais para um encontro nacional, que tenha como objetivo: - estabelecer uma articulação de todas as oposições sindicais e de todas as diretorias combativas e outras representações de trabalhadores; - estabelecer um programa de lutas comum, e dirigir um debate nacional entre os trabalhadores sobre a organização sindical que queremos e sobre as formas de organização independente para o movimento operário.

O documento de apresentação da proposta do *Encontro Nacional de Oposições Sindicais – ENOS*, sustentava:

a autoridade das oposições para tal tarefa, pois eram elas mesmas resultado de um passado de lutas, na formação de organismos independentes e de defesa dos trabalhadores no período de negra repressão, expressando esta resistência numa prática de unidade e democracia.

¹ O texto apresentado a seguir é de autoria de Maria Rosângela Batistoni, escrito como tese de doutoramento em Serviço Social defendida e aprovada pela PUC-SP em 2001, intitulada “Entre a fábrica e o sindicato: os dilemas da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (1967-1987)”. O trecho destacado faz parte do tópico “A OSM na gênese da CUT: o ideário de um sindicalismo classista”, pp. 380-389. Disponível em <http://centrovictormeyer.org.br/wp-content/uploads/2010/04/MOSMSP-Tese-de-Maria-R-Batistoni.pdf>

Concluía que a iniciativa "não representava um isolacionismo, dada a experiência das oposições" e sua liderança em várias categorias de trabalhadores da indústria e dos serviços, na cidade e no campo. O documento destaca ainda o papel das diretorias sindicais autênticas, nascidas e formadas no berço do peleguismo tradicional, contudo, postando-se ao lado dos trabalhadores nas greves, colocavam em cheque as alternativas de conciliação e de pacto social propostas por cisões no bloco dominante, porém, eram vacilantes quanto à organização independente e de base do sindicalismo. (cf. docs. "ENOS - lançamento da idéia" 12/06/79; - "Sobre a proposta de Encontro Nacional das Oposições", Cleodon Silva, jornal Em Tempo agosto/79).

A proposta originária da OSM, no entanto, sofreu interferências políticas e modificações externas, que a literatura especializada, em geral, desconhece ainda que recorrendo às mesmas fontes e documentação sobre as articulações sindicais nacionais no período de 1978 a 1980.² Em reunião preparatória do Encontro, em janeiro de 1980, a proposta foi considerada estreita e fechada à participação mais ampla dos trabalhadores em geral, e principalmente dos sindicalistas autênticos, que deveriam ser *atraídos* para uma articulação à esquerda. Foi lançada uma contraproposta³ - *Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical - ENTOES*, assumida pelos participantes, alguns previamente acordados, muitos desconhecendo ou com informações distorcidas sobre as propostas da OSM-SP. A nova proposta resultou em uma rearticulação no campo das oposições sindicais e dos sindicalistas autênticos (cf. Registro de reunião organizada por mim com militantes da OSM-SP para debate deste estudo, 29/março de 1979).

A OSM-SP e os grupos de oposições sindicais decidiram ainda assim assumir a ousadia de realizar o ENOS:

A realização de um Encontro de Oposições Sindicais não se trata de proposta alternativa, mas vem responder à necessidade específica das oposições de avaliarem sua atuação e darem alguns passos no sentido de uma articulação mais efetiva das mesmas. Acreditamos que com isso, estar-se-á contribuindo para o fortalecimento do Encontro Nacional de Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (cf. doc. Relatório do Encontro, ENOS, SP, 10-11/05/1980).

O ENOS ocorreu em São Paulo (10-11/05/1980), reunindo pela primeira vez depois de 1964, representações sindicais das mais expressivas experiências contra a estrutura sindical oficial de todo o país, com destaque para a participação das

² Talvez, para uma análise geral do movimento sindical, esta dinâmica não seja relevante, mas para este estudo que se propõe a analisar a OSM mas em relação com outras forças sindicais em suas imbricações posteriores, é importante. Sobre as articulações sindicais do período, ver as análises de Giannotti e Neto (1990 e 1991); Rodrigues (1991); Rodrigues (1997).

³ Esta posição foi apresentada por José Ibrahim, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, que retornava do exílio, quando teve uma aproximação com a OSM. Naquele momento José Ibrahim desempenhava a tarefa de articulador nacional na formação do PT. Pode-se afirmar hoje, que além da descaracterização do ENOS, graças às suas viagens, o ex-dirigente procurava demonstrar capacidade de articulação na área sindical favoráveis às suas pretensões na luta interna no PT. (cf. depoimentos recolhidos, confirmados em reunião organizada por mim em março de 1999, com as lideranças da OSM).

oposições e associações sindicais de trabalhadores rurais.⁴ Nesse evento a OSM deitava raízes e ramificações entre os setores organizados à esquerda no sindicalismo nacional, tornando-se uma das suas referências principais. As conclusões do Encontro revelam bem as concepções e práticas desta parcela aguerrida do movimento sindical, que emergia com uma definida radicalidade de classe, na luta contra a estrutura sindical, pela unificação das lutas e a formação de uma central dos trabalhadores.

A ousadia de realizar o ENOS é decorrência da irrupção, na cena nacional, dos trabalhadores com as suas lutas. Essa contribuição no começo da empreitada da construção da CUT representou também o atrevimento de desafiar a ditadura, ferida, mas muito viva. Como símbolo trágico, o lavrador Raimundo F. Lima, o "Gringo" que participou do ENOS, é assassinado por jagunços do latifúndio ao retornar de São Paulo, [...] em Conceição do Araguaia no Pará, onde havia sido candidato a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e cujas eleições foram fraudadas com a ajuda ostensiva do governo federal (Giannotti e Neto, 1990: 36).

Resumidamente, assim nascia a articulação do ENTOES, e a OSM por uma postura unitária e democrática, comprometeu-se com o seu encaminhamento participando das coordenações estadual e nacional do Encontro. Para a OSM esta era uma tentativa de, juntamente com as oposições e direções combativas aliadas, avançar numa articulação de bases mais sólidas, e naquelas circunstâncias, não poderia isolar-se do conjunto do movimento sindical. **O ENTOES poderia transformar-se no embrião de uma central sindical autônoma frente ao aparelho do Estado, pois mesmo com vacilações e inúmeras dificuldades apresentava indícios de que poderia assumir um programa claro e conseqüente de luta contra a estrutura sindical atrelada.**

Deste modo, especialmente através do ENTOES, em meio a muitas divergências, efetuou-se a aproximação entre OSM-SP e os sindicalistas autênticos.

— *"O ENTOES com a atuação de José Ibrahim, que mostrou o abandono das concepções de oposição defendidas em 68, em Osasco (foi uma grande decepção para nós!), foi uma articulação já no campo da disputa pela hegemonia política no movimento sindical que se reorganizava e criava meios de uma unificação. Foi um confronto direto com a gente, com a nossa invenção do ENOS, mas não tínhamos estrutura orgânica para segurar e também porque 'os sindicalistas' resolveram assumir a CUT [...] e isto era o mais importante"* (depoimento de Sebastião Neto concedido à autora).

⁴ Participaram 12 representações de trabalhadores rurais do Pará, Goiás, Espírito Santo e Santa Catarina, entre eles, o líder dos seringueiros do Acre Chico Mendes, assassinado em 1988; 17 representações de trabalhadores da indústria, (metalúrgicos, gráficos, químicos), 13 representações da área de serviços (bancários, professores, motoristas). O ENOS proporcionou uma rica aliança da OSM com a organização do campo na troca de experiência, solidariedade e fortalecimento mútuos. Deste período até a formação da CUT, a OSM foi um dos veículos de divulgação e articulação com a luta no campo entre algumas parcelas dos trabalhadores urbanos. O Encontro teve ainda a participação da Pastoral Operária e Comissão Pastoral da Terra. Ressalte-se que a única diretoria sindical presente no ENOS foi a dos Bancários de São Paulo, cuja diretoria recém eleita era originária de uma combativa oposição, foi um dos principais esteios da OSM nos anos seguintes.

O ENTOES realizou encontros regionais em onze estados da federação, ao longo de 1980. O Encontro Estadual de São Paulo, ocorreu em 14 de junho de 1980, para avaliação e debate das teses apresentadas, indicação de delegados para o nacional, no entanto, os dirigentes sindicais autênticos do ABC, não aceitaram as suas resoluções num embate com as oposições; realizando um II. Encontro, em 31 de agosto, desta vez em São Bernardo. O Encontro Nacional realizou-se em setembro de 1980, em Nova Iguaçu (RJ), com a participação de 92 dirigentes sindicais como delegados natos, 321 delegados de base e oposições e 44 convidados. A OSM juntamente com os Bancários de São Paulo assinaram uma tese conjunta ao ENTOES, "Por um sindicato democrático e independente"; tese que constitui um importante registro da proposta de organização da luta contra a estrutura sindical para a formação da Central Única dos Trabalhadores. O potencial de mobilização e representatividade dos trabalhadores da cidade e do campo não poderia ser mais subestimado por nenhuma força ou agência social e política.

Este esforço de aliança representado na articulação do ENTOES foi marcado por conflitos e, não teve os resultados imediatos intentados pela OSM. Ou seja, **a linha assumida pelo ENTOES representou uma primeira fissura nas propostas defendidas pela OSM e aliados na formação de uma Central Única dos Trabalhadores, pela base, sustentada em organismos sindicais independentes e de luta nacional e imediata contra a estrutura sindical.**

A aproximação entre os grupos das oposições sindicais e os sindicalistas *autênticos* teve, contudo, uma outra importância na definição das tendências no movimento sindical no período, ao propiciar o distanciamento destes em relação aos dirigentes sindicais vinculados à *Unidade Sindical*.⁵ Desde julho de 1978, no V Congresso da CNTI vinha ocorrendo uma tentativa de articulação entre os *autênticos*, dirigentes sindicais reconhecidos vinculados ao PCB e os dirigentes tradicionais do peleguismo, consolidando o autodenominado bloco da *Unidade Sindical*, já destacada anteriormente. Em vários encontros sindicais ocorridos em 1979, como o Congresso dos Metalúrgicos de Poços de Caldas (MG), ficaram claras as divergências destes sindicalistas acerca da atitude a ser adotada perante a estrutura sindical e sobre as *oposições sindicais*, que eram tratadas especialmente pelo PCB, como *basistas, aventureiras e esquerdistas*. Assim o ENTOES, com a significativa presença das oposições sindicais e participação de setores sob as influências da Igreja Católica, foi um divisor de águas entre os autênticos e a Unidade Sindical. Paralelamente ao ENTOES, uma ampla movimentação de dirigentes sindicais combativos continuava se

⁵ Lembre-se que esta dinâmica no meio sindical se articula ao processo de fundação do Partido dos Trabalhadores, o PT (1980), cuja legalização oficial se deu no contexto da reforma partidária do regime que favorecia o pluripartidarismo por dividir e neutralizar o campo da oposição democrática. O PCB e o PC do B viram com muita desconfiança o surgimento do PT, adversários de peso, antes nunca como confrontados pelo PCs, que se mantiveram vinculados ao PMDB até 1985. Com já destaquei, também setores à esquerda da OSM-SP, por razões outras, não aderiram de imediato ao PT, registrando sua crítica aos paradigmas sindicais e políticos adotados pelo novo partido, embora depositassem seu apoio nas situações eleitorais.

desenvolvendo, na procura de uma unidade mais orgânica, passando pela junção de ativistas dos movimentos sociais populares, oposições sindicais, com a atuação relevante dos setores da Igreja progressista, a partir do Encontro de João Monlevade (MG), em fevereiro de 1980, e os Encontros de Vitória (ES) e São Bernardo em 1981. A reunião destes movimentos e associações fundou a *Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais - ANAMPOS*, que realizou mais um Encontro em Goiânia em junho de 1982, posterior a I CONCLAT.⁶ No decorrer destes encontros nacionais, os autênticos ainda se empenharam em incorporar alguns dirigentes vinculados ao PCB, tentando distanciá-los do peleguismo tradicional. Porém, a articulação com as oposições sindicais inviabilizou este caminho.

O resultado desse processo é sintetizado por Rodrigues (1997: 94): “Vale dizer estão dadas as bases de reorganização dos setores mais críticos à estrutura sindical na cidade e no campo, que na CONCLAT formarão o bloco dos ‘combativos’. E serão os principais articuladores da criação da Central Única dos Trabalhadores, a CUT”.

A realização da I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora - CONCLAT, em agosto de 1981, precedida de reuniões em dezesseis estados da federação - os ENCLATS, é amplamente tematizada pela bibliografia, cuja importância advém do fato de constituir-se em um grande encontro que teve a participação de quase todas as tendências do meio sindical, tornando-se um marco nesta etapa de reorganização do movimento sindical brasileiro depois do golpe militar (Rodrigues, 1991). Mesmo com muitos pontos divergentes e poucos comuns, as Resoluções e o Plano de Lutas, explicitam as reivindicações e demandas gerais do movimento, numa união precária e momentânea em torno de: política salarial, saúde e previdência, reforma da CLT, direito de greve e sindicalização de funcionalismo público, anistia, reforma agrária e pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. A composição da CONCLAT, como era previsível, configurou divergências muito fortes no seu interior, refletida na eleição final da Comissão Pró-CUT, que tinha como tarefa conduzir o plano de lutas e preparar para o ano seguinte (1982), o Congresso Nacional das Trabalhadoras que criaria a CUT que, sem consenso, foi adiado.

O embate entre os dois blocos, se deu em relação às estratégias para enfrentar a crise recessiva e papel do sindicalismo na sociedade brasileira. A perspectiva era de deflagração de uma greve geral, para forçar o governo e o empresariado a atender a pauta de reivindicações. Os sindicalistas da Unidade Sindical se contrapunham à qualquer tentativa de greve e à realização do CONCLAT no ano seguinte, alegando que as mobilizações poderiam provocar o acirramento das tensões sociais com riscos para a abertura política e para as eleições gerais de 1982. Estas posições decorrem de concepções conflitantes no plano político: a Unidade enfatizava o limite e subordinação da ação reivindicativa à luta pela ampliação democrática. Outra, que congregava os setores combativos, mesmo com largos matizes e diferenças no seu

⁶ A OSM esteve representada em todos os encontros com Anísio Batista, Hélio Bombardi, Waldemar Rossi e Sebastião Neto. Ver Giannotti e Netto (1990,104); Rodrigues (1991); Coletânea de documentos dos quatro encontros da ANAMPOS (CPV).

interior, assumia a defesa da mobilização e confronto direto como o único meio de consolidação democrática, que poderia provocar transformações sociais e políticas mais profundas e orientadas por um outro projeto societário. Eram divergentes também em relação às questões sindicais específicas, que mesmo com o discurso da autonomia sindical, mais precisamente o fim da ingerência do Estado, mantinha a defesa da unicidade sindical é em decorrência de todos os demais elementos que compõem a estrutura do sindicato oficial, bem como em relação às comissões de empresas tidas como extensões sindicais de base.

O bloco combativo, antecipando a divisão no interior do movimento sindical, tornou público o propósito de realizar o Congresso, com a participação não restrita à cúpulas das entidades, mas aberta às oposições e associações profissionais, o que se efetivou apenas em 23 a 25 de agosto de 1983 com o I Congresso das Classes Trabalhadoras, também CONCLAT⁷, que resultou na fundação da CUT, aprovando um estatuto provisório e elegendo uma coordenação nacional com mandato de um ano. Os sindicalistas da *Unidade Sindical* e outras tendências moderadas não participaram e, realizaram o seu congresso em outubro de 1983, formando a Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora, também CONCLAT que em 1986 se transformaria na Central Geral dos Trabalhadores - CGT, com o apoio do PCB e PC do B. Assim consagrava-se a divisão no sindicalismo brasileiro.

A inserção da OSM no processo de formação da CUT, esteve orientada por suas proposições político-sindicais, no esforço de alianças no universo sindical combativo. Expressão do confronto com a ala reformista e conservadora em negação a ela, para a OSM, a CUT poderia representar uma estratégia decisiva no avanço do movimento operário brasileiro. Embora comportando diferenças no seu interior, em torno de várias questões, a Central caracterizava-se por uma ligação intensa com as aspirações e mobilizações das amplas massas dos trabalhadores, afirmando-se como direção e representação efetiva e real do operariado industrial, trabalhadores rurais, funcionários públicos e os trabalhadores vinculados ao setor de serviços, - expressando a heterogeneidade do mundo do trabalho no país (cf. Antunes, 1991: 50). Esteve à frente das lutas contra o arrocho salarial, a exploração do trabalho, contra a política econômica da ditadura militar e as tentativas de pacto social preconizados na transição democrática e pelo governo da "Nova República".

No plano do combate à estrutura sindical, a CUT esteve colada à vários conflitos experimentados, tanto no cotidiano do mundo do trabalho quanto nos combates mais amplos com a burguesia e o Estado, provocando crises, abalos e fissuras na estrutura, tornando-a obsoleta em alguns de seus componentes. A CUT expressou em grande medida um processo de abertura e relativa democratização dos sindicatos, em especial pelo fim da ingerência do Estado, todavia, sem avançar para romper a persistência da estrutura oficial e dos princípios que a norteiam, com o da unicidade sindical. Neste

⁷ Sobre a CONCLAT, Comissão Pró-CUT e fundação da CUT, além da bibliografia citada, ver Mercadante e Rainho, 1982; Dossiê CONCLAT 1981 e 1982 e Dossiê CONCLAT - 1983, Fundação da CUT.

ponto, assevera Boito (1991a, 153, grifos do texto) “não faltava apenas luta, faltava também convicção à CUT”.

Reside aí um dos elementos que tornou a Central política e ideologicamente contraditória, desde sua criação. **A CUT sugira da luta aberta contra a exploração do trabalho** efetuada cotidianamente por milhões e milhões de operários e outros trabalhadores assalariados. E foi esta força instintiva e espontaneamente anticapitalista de sua base social de origem que, ao longo dos anos 80, impulsionaria a CUT à ação reivindicativa mais agressiva e de confronto com a burguesia, esbarrando nos limites do sindicalismo oficial. Mas, a CUT **nasceu e desenvolveu-se integrada ativamente à estrutura sindical atrelada; foi organizada com base nos sindicatos oficiais, comprometendo seu caráter democrático e de massa.**

Para a OSM e outras forças no próprio Congresso de fundação, configurou-se esta tensão, ao ser **rejeitada a filiação direta dos trabalhadores, comissões de fábricas e outras formas independentes de organização de base.** Esta proposta foi apresentada pelos militantes ligados à Frente Nacional do Trabalho, e não aceita pela maioria da Comissão Pró-CUT:

Pela base! Todas as correntes sindicais não têm dúvidas. [...] Mas para nos fortalecermos nessa caminhada, urge entrarmos no mérito da questão sobre como se dá e onde se materializa a ação das bases nessa CUT pela base, a começar do mais elementar: a filiação. A base não pode sujeitar-se a entraves formais até ver a sua entidade de classe depurada de pelegos. [...] Defendemos a filiação direta dos trabalhadores de qualquer categoria. [...] Ora, se defendemos e - o fazemos - a efetiva liberdade e autonomia sindical, não podemos repetir o erro do populismo. (cf. Proposta CUT pela Base, FNT. Coletânea de documentos da Comissão PróCUT, agosto de 1983, grifos meus)

A formação da CUT sinalizava para a OSMSp a possibilidade de efetivação de seu ideário e programática político-sindical, ou seja, - enquanto um programa -, apresentava condições de avançar na luta contra a estrutura sindical por um sindicalismo autônomo no plano organizativo e ideológico. Alguns princípios contidos no Estatuto Provisório expressam esta perspectiva radical da luta operária e sindical, quais sejam: - *a afirmação de sua autonomia e independência de classe em face da burguesia e do Estado; a democracia interna como condição indispensável, o sindicalismo de base e de massa* (cf. Giannotti & Netto, 1991: 24-33;). Os princípios, os programas de lutas apresentam vários pontos que serão retomados nos Congressos seguintes, mesclavam diretrizes e reivindicações de caráter sindical e trabalhista imediatas de confronto com as políticas econômica e social do capitalismo no país, e outras que, denotando o caráter radical e classista, só seriam passíveis de efetivação com profundas transformações societárias orientados pela perspectiva socialista.

A CUT emergiu assumindo um corte sindical anticapitalista, não obstante suas contradições, e a OSM em aliança com outros agrupamentos de esquerda no seu interior, jogou forças decisivas na consolidação desta concepção e suas implicações políticas e organizativas.

Bibliografia referida

- ANTUNES, R. O novo sindicalismo. São Paulo: Brasil Urgente, 1991.
- BOITO JR, Armando. O sindicalismo de Estado no Brasil. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1991.
- GIANNOTTI, Vito & NETO, Sebastião Lopes. A CUT por dentro e por fora. São Paulo: Vozes, 1990.
- RODRIGUES, Leôncio M. (1991). "As tendências políticas na formação das centrais sindicais". In BOITO JÚNIOR, A. O sindicalismo brasileiro nos anos 80. São Paulo: Paz e Terra.
- RODRIGUES, Iram. Sindicalismo e política. A trajetória da CUT. São Paulo: Scritta/Fapesp, 1997.
- CUT e CONCLAT: a divisão política do movimento sindical" Aloísio Mercadante Oliva e Luís F. Rainho. Trabalhadores Urbanos no Brasil/82-84. Rio de Janeiro, CEDI, nº 16 (Aconteceu Especial), 1986